

Paulo Freire:

Entrevista

PAULO FREIRE

"EDUCAÇÃO COMO PRÁTICA DA LIBERDADE"

Por uma hora e quinze minutos, no último dia 24 de maio, o educador Paulo Freire deixou de lado a rotina da Secretaria de Educação do Município de São Paulo e as preocupações da nova administração com sua rede de 633 escolas, 680 mil alunos e 35 mil funcionários, para conversar conosco sobre temas da sua especialidade, o que vem fazendo com razoável intensidade nos últimos 30 anos pelo mundo afora: falar sobre educação popular.

Para quem está acostumado aos trâmites para audiências com a classe tecnocrática, burocrática e política nacional, o desembaraço da recepção, a atenção, a cordialidade, a humildade e a disposição ao diálogo leve, fácil e sem preocupação quanto ao tempo, fazem parecer a incursão à Secretaria de Educação de São Paulo e falar com seu titular uma atividade de rotina e ao alcance de todos. Aliás, é a marca da intelectualidade superando a empáfia dos políticos de carreira. É certo que Paulo Freire é Secretário de Educação de São Paulo por ser filiado a um

partido político, mas muito antes o é pela sua condição de educador e mestre, internacionalmente reconhecido.

Além das respostas às perguntas desta entrevista, a conversa enveredou pelos caminhos, por exemplo, das relações de um governo petista, reformista e transformador, inserido numa estrutura política de produção capitalista e uma política autoritária e as dificuldades do relacionamento com a grande imprensa nacional, as alternativas do eleitor para a próxima eleição presidencial e as viagens e andanças do entrevistado pelo mundo.

Além da entrevista, estava incumbindo de outra missão. Convidar Paulo Freire para visitar a Unioeste. Como no primeiro caso, essa missão também foi frutífera: Paulo Freire deverá estar entre nós no início do segundo semestre, provavelmente na primeira quinzena de agosto. Pelo menos, além de uma viagem a Paris, este foi o primeiro compromisso para a segunda metade do ano que

o Secretário solicitou fosse agendado por sua assistente Iracy.

Ao término da entrevista, marcou a sensação da esperança e do animo que faz de Paulo Freire a personalidade educacional com os predicados devidos: que é possível sonhar, por exemplo, com uma nova educação, libertadora (também com uma nova sociedade), ter esperança no futuro do país e o principal: que é possível tornar esse sonho realidade.

Na informalidade da conversa, Paulo Freire disse que talvez gostaria hoje tão somente viver em alguma praia nordestina, conviver entre os pescadores e ser conhecido apenas como "seu Zé", para fazer anônima uma das coisas que mais gosta: escrever. Mas para ele, não aceitar o chamado da atual Prefeita de São Paulo e o desafio decorrente do cargo, seria como "negar tudo o que fiz, escrevi e disse até hoje, significando também deixar de escrever e dar palestras até o final da minha vida".

EDUCAÇÃO COMO PRÁTICA DA LIBERDADE

PEDAGOGIA DO OPRIMIDO

IU - Como é possível pensar a "pedagogia do oprimido" hoje, numa realidade totalmente diversa da década de 60?

Paulo Freire - Me parece óbvio que a pergunta se refere não ao livro *Pedagogia do Oprimido*, mas a uma certa compreensão da educação que se compromete com a necessária emancipação das classes oprimidas.

Há "n" aspectos a ser considerados numa reflexão sobre o tema. Poderíamos discutir, por exemplo, a pedagogia do oprimido pondo-se em prática no interior do sistema escolar brasileiro, da escola de primeiro grau, da do segundo ou terceiro, pensar em torno dos obstáculos materiais, orçamento, condições físicas das escolas como pensar sobre os não menos materiais obstáculos, de ordem ideológica, com os quais nos confrontamos ao tentar pôr em prática uma educação em favor da emancipação das gentes.

Poderíamos ainda discutir o mesmo esforço em favor de uma tal prática educativa fora do sistema escolar, no campo da educação informal e ou também analisar as barreiras que se levantam ou que se opõem a uma tal forma de compromisso popular.

SE IMPÕE AOS EDUCADORES PROGRESSISTAS QUE DIMINUAM A DISTÂNCIA ENTRE O "DISCURSO AVANÇADO" E A PRÁTICA TRADICIONAL E AUTORITÁRIA

Creio que uma afirmação de ordem geral poderá ser feita: a pedagogia do oprimido, não o livro que escrevi, mas a compreensão da educação em favor da emancipação permanente dos seres humanos, considerados como classe ou como indivíduos, se põe como um que - fazer histórico em consonância com a também histórica natureza humana, inconclusa, finita, limitada.

É precisamente porque é histórica, dando-se na história e sendo vivida por seres históricos que, ao fazê-la de certa forma se refazem, que as formas de por em prática a pedagogia do oprimido como a do opressor variam no tempo e no espaço.

Há um aspecto que considero fundamental que diz respeito à posta em prática de uma pedagogia do oprimido. Refiro-me à necessidade que têm as lideranças político-pedagógicas progressistas de detectar os níveis em que se vem dando a luta de classes nesta ou naquela sociedade. São estes níveis que explicam o "atual estado" em que se encontra a educação aqui ou ali.

Para terminar tomariam um obstáculo fortíssimo a qualquer esforço de educação democrática em favor das classes populares, nos anos 60 como hoje, ao

As teses de Paulo Freire para a educação pública popular, as conquistas e dificuldades de um governo progressista e transformador na prática de uma educação libertadora, a vida e obra do entrevistado. Nesta edição, págs. 3, 4 e 5.

qual, porém, daremos resposta diferente agora. Refiro-me à ideologia autoritária e elitista que nos marca e sufoca.

Enquanto o elitismo autoritário ou o autoritarismo elitista são próprios do educador reacionário se tomam a negação do educador progressista. Em 60 como agora se impunha e se impõe aos

NENHUM EDUCADOR FAZ SUA CAMINHADA INDIFERENTE OU APESAR DAS IDÉIAS PEDAGÓGICAS DE SEU TEMPO OU DE SEU ESPAÇO

educadores progressistas que diminuem a distância entre o "discurso avançado" e a prática tradicional e autoritária.

IU - Como o Senhor vê a sua trajetória e a trajetória da própria educação, desde a *Pedagogia do Oprimido*, do Recife ao mundo e agora a São Paulo?

Paulo Freire - Nenhum educador faz

sua caminhada indiferente ou apesar das idéias pedagógicas de seu tempo ou de seu espaço. Pelo contrário, faz sua caminhada desafiado por estas idéias que combate ou que defende. Nega-se, afirma-se, cresce, imobiliza-se, envelhece assim ou é sempre novo. Estas idéias por outro lado, não são as fazedoras do

NA VERDADE, SOMOS UM GOVERNO PROGRESSISTA QUE NÃO PODE FAZER TUDO COM QUE SONHA

mundo histórico e cultural, material, do educador. Elas expressam as lutas sociais, os avanços e os recuos que se dão na história mas, também, se fazem força atuante de mudança do mundo. Há uma relação dialética entre o mundo material que gera as idéias e as idéias que podem interferir no mundo que as gera.

Evidentemente, não poderia eu es-

capar a isto. Mais do que dramaticidade, a tragicidade do nordeste em que nasci e cresci, os níveis profundos de exploração das classes populares, a malvadez das classes dominantes, a perversidade das estruturas sociais, o silêncio imposto às classes populares, a que se juntava como reforço uma educação livresca e autoritária, tudo isso indicou a mim um caminho a seguir, como educador e, portanto, como político - o da busca de uma educação denunciante da opressão e anunciante da liberdade, o de uma pedagogia da indignação. Do Recife ao exílio, do exílio ao Brasil de novo, em todo este tempo de andarilhagem, este vem sendo o meu compromisso. E porque este é o compromisso com um futuro se construindo no presente que se transforma, aprendi na caminhada que é condição fundamental para continuar caminhando estar sempre aberto à aprendizagem. É assim, curioso e aberto ao novo, que venho aprendendo mais do que esperava como Secretário de Educação da Cidade de São Paulo há cinco meses. Reconhecendo o já conhecido e conhecendo o não suspeitado, minha vida vem sendo nestes meses um suceder de dias em que quase nada me passa desperce-

APRENDI NA CAMINHADA QUE É CONDIÇÃO FUNDAMENTAL PARA CONTINUAR CAMINHANDO ESTAR SEMPRE ABERTO À APRENDIZAGEM

bido. No fundo um tempo penoso e intensamente gostoso, como é todo tempo de conhecer e de gestar, de fazer e de refazer.

IU - Que pontos fundamentais e até inegociáveis devem ser contemplados pela nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação, na sua opinião?

Paulo Freire - Me fixo num, a partir do qual se pode pensar um grande número de outros. Me refiro ao da defesa da escola pública. Do seu resguardo. Da escola pública respeitada, competente, alegre, democrática. Da escola pública para todos, sem aprovações gratuitas, assistencialistas, enganadoras, mas sem reprovações discriminadoras, por isso da escola pública em que se ensine bem e se aprenda com prazer. Da escola pública que leve em consideração a identidade cultural de classe de seus alunos, que respeite seu "saber de experiência feito", sua linguagem de classe também. Da escola pública que, por tudo isso, tenha seus professores respeitados, estimulados, bem pagos.

IU - Como se processa a relação Paulo Freire educador progressista e agora Secretário Municipal de Educação (portanto, dedetor do poder), considerando ainda ser esta uma máquina administra-

segue

tiva de razoáveis proporções e um estamento altamente burocratizado?
Paulo Freire - Me parece importante começar a tentativa de resposta a essa pergunta relativizando uma afirmação que você faz: a de eu me achar agora no poder. Rigorosamente, estou no governo municipal de São Paulo, à frente de sua Secretaria de Educação o que, na verdade, me dá um pouco de poder, mas não o poder. Isto não significa, de maneira

NO GOVERNO MUNICIPAL, APROVEITO O PODER QUE DELE DECORRE PARA REALIZAR, NO MÍNIMO, PARTE DO VELHO SONHO QUE ME ANIMA. O SONHO DE MUDAR A CARA DA ESCOLA. O SONHO DE DEMOCRATIZÁ-LA, DE SUPERAR O SEU ELITISMO AUTORITÁRIO, O QUE SÓ PODE SER FEITO DEMOCRATICAMENTE.

alguma, que tenha agora o mesmo poder que tinha antes. Tenho mais do que tinha antes mas bastante menos do que ingenuamente se pensa que tenho.
Na verdade, somos um governo progressista que não pode fazer tudo com que sonha.

De qualquer maneira não vejo contradição no fato de, hoje, como Secretário de Educação Municipal, tentar realizar algumas das propostas ou pôr em

prática algumas das idéias por que me venho batendo há tanto tempo. No governo municipal, aproveito o poder que dele decorre para realizar, no mínimo, parte do velho sonho que me anima. O sonho de mudar a cara da escola. O sonho de democratizá-la, de superar o seu elitismo autoritário, o que só pode ser feito democraticamente. Imagine você se eu pretendesse superar o autoritarismo da escola autoritariamente.

Umas das coisas gostosas do jogo democrático é que, não basta você estar convencido do acerto de suas idéias e do acerto de sua prática. Você precisa demonstrá-lo e convencer os demais. Diria até que, em muitos casos, você precisa converter.

Além de não ser uma contradição procurar concretizar velhas aspirações político-pedagógicas à frente da Secretaria de Educação Municipal é gostosa essa forma de briga.

É claro que não é fácil. Há obstáculos de toda ordem retardando a ação transformadora. O amontoado de papéis tomando o nosso tempo, os mecanismos administrativos emperrando a marcha dos projetos, os prazos para isto, para aquilo, um deus-nos-acuda.

De fato, a burocracia que está aí prejudica até mesmo as classes dominantes, mas, afinal, enquanto dominantes, terminam por ajustar a máquina burocrática a seus interesses. O difícil é pôr esta burocracia a serviço dos sonhos pro-

gressistas de um governo popular e não populista.

IU - O que difere, na prática, da proposta educacional do PT em relação às propostas dos demais partidos?

Paulo Freire - Não gostaria de fazer nenhuma comparação entre a nossa maneira de encarar a administração da educação e da coisa pública em geral e a de outros partidos. Gostaria, sim, de sublinhar alguns pontos que são caros para nós, enquanto administração petista.

Um deles é o que entendemos por participação. Para nós, a participação não pode ser reduzida a uma pura colaboração que setores populacionais desvessem e pudessem dar à administração pública.

Participação ou colaboração, por exemplo, através do chamados mutirões por meio dos quais se reparem escolas, creches, ou se limpem ruas e praças. A participação para nós, sem negar este tipo de colaboração, vai mais além. Implica, por parte das classes populares, um "estar presente na História e não simplesmente nela estar representada". Implica a participação política das classes populares através de suas representações ao nível das opções, das decisões e não só do fazer o já programado. Por isso é que uma compreensão autoritária da participação a reduz, obviamente, a uma presença concedida das classes populares a certos momentos da administração. Para nós também, é que os

"Conselhos de Escola" têm uma real importância enquanto verdadeira instância de poder na criação de uma escola diferente.

Participação popular para nós não é um "slogan" mas a expressão e, ao mesmo tempo, o caminho de realização democrática da Cidade.

Na medida em que nos afirmemos na prática democrática da participação,

DE FATO, A BUROCRACIA QUE ESTÁ AÍ PREJUDICA ATÉ MESMO AS CLASSES DOMINANTES, MAS, AFINAL, ENQUANTO DOMINANTES TERMINAM POR AJUSTAR A MÁQUINA BUROCRÁTICA A SEUS INTERESSES. O DIFÍCIL É PÔR ESTA BUROCRACIA A SERVIÇO DOS SONHOS PROGRESSISTAS DE UM GOVERNO POPULAR E NÃO POPULISTA.

estaremos nos afastando cada vez mais, de um lado, das práticas elitistas, anti-democráticas, de outro, das não menos anti-democráticas práticas basistas. Bem sei que não é fácil encarnar projetos ou viver a participação popular como programa de governo e como ideal político. Não é fácil sobretudo pelas tradições autoritárias que precisamos superar o que não se pode fazer no puro discurso contraditado por práticas autoritárias.

Construindo a Educação Pública

Aprender é gostoso. Mas exige esforço.

Um diagnóstico feito durante o mês de dezembro nos mostrou que a situação física de nossas 703 escolas municipais é preocupante: faltam mais de 30.000 conjuntos de carteiras e cadeiras para os alunos e mesas para os professores; a conservação dos prédios é muito deficiente; 40% dos professores estão exercendo suas funções precariamente em comissão; o atendimento à demanda deixa fora da escola muitas crianças, jovens e adultos; a população tem buscado formas de suprir as deficiências do ensino formal, criando alternativas diversificadas de práticas educacionais que não são consideradas pelo sistema oficial.

Nessas condições é muito difícil realizar uma escola que encare o ato de ensinar e de aprender como um ato prazeroso. Ao assumir esta Secretaria, estamos cientes, contudo, de que é preciso partir dessa realidade para realizar a escola com que sonhamos. O voto de 15/11/88 foi um voto para a mudança, para mudar inclusive essa escola que temos, para superar as suas precariedades. Só que não vamos fazer isso sozinhos. Pretendemos mostrar a todos os que hoje estão envolvidos com a educação no município de São Paulo que juntos podemos mudá-la construindo uma escola bonita, voltada para a formação social crítica e para uma sociedade democrática.

Entendemos que essa escola deve ser um espaço de educação popular e não apenas o lugar da transmissão de alguns conhecimentos cuja valoração se dá à revelia dos interesses populares; uma escola cuja boniteza se manifeste na possibilidade da formação do sujeito social.

Para isso partimos do princípio da verdade, da transparência. Procuraremos fazer circular todas as informações que tivermos sobre a situação real de todos os setores da Secretaria. Mostraremos também os caminhos possíveis de mudança. Queremos imprimir uma fisionomia à escola, cujos traços principais são os da alegria, da seriedade na apropriação e recriação dos conhecimentos, da solidariedade de classe e da amorosidade, da curiosidade e da pergunta, que consideramos valores progressistas. Poremos todos os meios de que dispomos a serviço dessa escola necessária.

Não vamos impor idéias, teorias ou métodos, mas vamos lutar, paciente e impaciente, por uma educação como prática da liberdade. Nós acreditamos na liberdade. Queremos bem a ela.

Os problemas que encontramos já nos são conhecidos há muito tempo, como a evasão — na realidade expulsão — e a repetência, o conservadorismo, a apatia, o número de crianças fora da es-

Popular

O primeiro artigo, assinado pela Associação de Dirigentes da Secretaria de Educação do Município de São Paulo, aborda as principais de atuação do Secretário de Educação. Além do elenco de ações concretas e metas a serem atingidas pela Secretaria, a matéria aborda com muita propriedade a proposta de uma escola "alegre" e "séria", defendida por Paulo Freire, como síntese de toda a sua visão de educador, assunto pelo qual o publicamos na íntegra nesta edição do informativo Unioeste.

cola, a inadequação dos processos pedagógicos. Repetir aqui seria monótono, já que são frequentemente lembrados por toda a sociedade. Todos estamos de acordo quanto ao diagnóstico.

O quadro de deteriorização da escola pública é consequência da falta de vontade política de assumir um projeto pedagógico emancipador. A preocupação com a quantidade, com a construção de novos prédios escolares, deve inserir-se num projeto qualitativo mais amplo. As medidas adotadas não podem

ser apenas emergenciais. Devemos imprimir a essas medidas um caráter mais sistemático, gradual e permanente.

Encontramos muito medo, desconfiança e indiferença. A estes sentimentos oporemos a ousadia.

Procuraremos restabelecer integralmente a liberdade de expressão e de organização como elementos constitutivos essenciais da democracia e, consequentemente, de uma política educacional que vise à construção de uma escola pública de qualidade.

Restabelecer a confiança exige reintegrar imediatamente os demitidos (porque fizeram greve em 1987) nos mesmos locais de trabalho com contagem de tempo corrido e pagamento dos salários (a partir de 05/10/88 conforme prescreve a atual Constituição).

Entendemos que é a falta de participação nas decisões que muitas vezes leva ao desânimo e à descrença em relação à escola. Pretendemos implantar os Conselhos de Escola, fortalecer os Grêmios Estudantis e rever o papel das APMs — Associações de Pais e Mestres. Pretendemos substituir gradativamente a atual função de controle burocrático das DREs — Delegacias Regionais do Ensino Municipal — por Núcleos de Ação Educativa (NAEs), rompendo com uma estrutura hierárquica de tomada de decisões sustentada de cima para baixo, e substituindo por instâncias de assistência, acompanhamento e planejamento participativo da atividade pedagógica. A população organizada — Populares Populares cumpre melhor a função fiscalizadora das DREMs.

Não só as DREMs, mas todo o aparato burocrático da Secretaria necessita de uma compreensão pedagógica de suas funções. Todos os que estamos na escola somos educadores, inclusive os funcionários, os merendeiras, os escrivães, os inspetores, porteiros, etc.

É nossa intenção realizar, ainda no primeiro semestre, Plenárias Pedagógicas — embriões dos Conselhos Populares de Educação — em cada região, com a presença dos dirigentes da Secretaria para terem contato direto com pais, professores, alunos e comunidade e manterem essa esperança ativa que ora é demonstrada por numerosos grupos. Entendemos que a mobilização que hoje se manifesta deve ser mantida e estruturada por uma série de encontros em que a política educacional possa ser definida conjuntamente e não burocraticamente.

No sentido de democratizar desde já a gestão das escolas, estamos fazendo entrar em vigor a partir de hoje o Regimento Comum das Escolas aprovado pela CEE — Conselho Estadual de Educação — em 1985, que prevê a implantação de Conselhos de Escola. Devemos iniciar logo a discussão deste Regimento e regularizar a situação escolar dos alunos da rede municipal de ensino junto ao CEE.

A escola demonstrará maturidade exercendo sua capacidade de autogovernar-se. Devolveremos as programações curriculares e outros materiais arbitrariamente recolhidos no início da administração anterior, por serem patrimônio das escolas. Desencadaremos um processo de discussão para a construção de novas propostas curriculares. A escola precisa ser um espaço vivo e democrático onde todas as perguntas sejam leva-

das a sério, espaço privilegiado da ação educativa e de um sadio pluralismo de idéias.

A Secretaria precisa da burocracia, não do burocratismo; precisa do acadêmico, mas não do academicismo. Precisa de professores que valorizem a unidade teoria-prática, professores curiosos que respeitem a linguagem da criança, que pensem rigorosamente sem abandonar a poesia, que proponham uma forma científica de pensar o mundo, sendo assim capazes de fazer uma reflexão crítica sobre a sua própria prática.

segue

O aluno deverá ser o centro das preocupações, a medida do êxito ou do fracasso de nossa política.

A escola cresceu muito em seus aparatos de fiscalização e controle e pouco em participação e democracia: cresceu no alto, mas não tem pés sólidos. Queremos inverter essa política, fortalecendo as bases da escola. Todo o esforço deve ser feito para valorizar, acima de tudo, a relação professor-aluno.

Nesta direção, terá tratamento urgente a elaboração conjunta de um Estatuto do Magistério, envolvendo os representantes das associações e sindicatos de educadores, que traduza esta nova proposta de atuação educacional na rede pública de ensino municipal, valorizando o trabalho docente em sala de aula.

Neste sentido, concomitantemente com sua prática docente, a formação contínua do magistério será prioritária. Conforme prevê a nova Constituição, realizaremos concursos, rompendo com o fisiologismo e o populismo que utilizam parte do magistério em funções não docentes. O próprio concurso deverá ser motivo de formação permanente dos professores.

O aluno-trabalhador não deve ser tratado como um aluno de segunda categoria. A educação de jovens e adultos não será tratada como caso de assistência social. O Ensino Noturno terá sério tratamento, assim como o Ensino Supletivo, a ser visto na sua relação com o Ensino Regular. Reforçaremos o caráter sistemático da educação de adultos, contra o caráter emergencial das campanhas.

A criança pequena, também ela, deverá ter um atendimento educacional que supere de fato e de vez a concepção do espaço escolar infantil como uma questão simplesmente de "segurança" ou de "guarda". As EMELs - Escolas Municipais de Educação Infantil - serão incentivadas a construir, na sua atuação, um projeto educacional que valorize a infância, capacitando-a para a escolarização regular, e que, ao mesmo tempo, traduza as necessidades dos pais que trabalham e precisam ali deixar seus filhos o dia todo.

A qualidade dessa escola deverá ser medida, por isso, não apenas pela quantidade de conteúdos transmitidos e assimilados, mas igualmente pela solidariedade de classe que tiver construído, pela possibilidade que todos os usuários da escola - incluindo pais e comunidade - tiverem de utilizá-la como um espaço para a elaboração de sua cultura.

Não devemos chamar o povo à escola para receber instruções, postulados, receitas, ameaças, repreensões e punições, mas para participar coletivamente da construção de um saber, que vai além do saber de pura experiência feito, que leve em conta as suas necessidades e o

torne instrumento de luta, possibilitando-lhe transformar-se em sujeito de sua própria história. A participação popular na criação da cultura e da educação rompe com a tradição de que só a elite é competente e sabe quais são as necessidades e interesses de toda a sociedade.

A escola deve ser também um centro irradiador da cultura popular, à disposição da comunidade, não para consumi-la, mas para recriá-la. A escola é também um espaço de organização política das classes populares. A escola como um espaço de ensino-aprendizagem será então um centro de debates de idéias, soluções, reflexões, onde a organização popular vai sistematizando sua própria experiência. O filho do trabalhador deve encontrar nessa escola os meios de auto-

emancipação intelectual independentemente dos valores da classe dominante. A escola não é só um espaço físico. É um clima de trabalho, uma postura, um modo de ser.

A marca que queremos imprimir coletivamente às escolas privilegiará a associação da educação formal com a educação não-formal. A escola não é o único espaço da prática pedagógica. A sala de aula também não poderá ser o único espaço da veiculação do conhecimento. Procuraremos identificar outros espaços que possam propiciar a interação de práticas pedagógicas diferenciadas de modo a possibilitar a interação de experiências. Consideramos também práticas educativas as diversas formas de articu-

lação de grupos, núcleos, unidades escolares, associações e entidades que visem a contribuir para a formação do sujeito popular enquanto indivíduos críticos e conscientes de suas possibilidades de atuação no contexto social.

Nesta dimensão, os educadores são chamados a apresentar suas propostas e a discutir as diferentes formas de viabilizá-las e a identificar o papel da administração neste processo, de forma a garantir um esforço integrado para viabilizar a mudança.

As medidas concretas surgirão gradativamente. De nada adiantaria um plano de governo elaborado apenas em gabinete, excluindo a presença ativa e deliberativa dos que o executam.

Todos os meios de comunicação,

inclusive televisivos, áudio-visuais e a informática - importantes meios de educação moderna - devem ser incentivados. O aproveitamento construtivo desses meios utilizados criticamente associa-se à idéia de uma democratização do próprio ensino, tornando-o mais ativo. Proporemos a publicação periódica de informativo que garanta a circulação das diversas propostas pedagógicas e facilite a relação entre as escolas.

A educação é um processo permanente que demanda continuidade e planejamento a longo prazo. Superar o imediatismo, a desinformação e a descontinuidade administrativa que caracterizam a educação de hoje é um grande desafio

para uma administração popular. Não se trata de dar uma direção única e burocrática à educação. Trata-se de criar um sistema municipal de educação pública articulado com a sociedade, capaz de superar a atual pulverização.

O atendimento integral como direito do aluno deve ser facilitado pela integração com outras Secretarias:

- com a Secretaria de Higiene e Saúde visando à revisão da forma e ação conjunta no atendimento à população escolarizável;

- com a Secretaria da Cultura visando a projetos conjuntos para resgatar a dimensão cultural da educação;

- com a Secretaria de Bem Estar Social visando à integração das diferentes formas de escolarização de jovens e adultos e o atendimento da educação infantil de 0 a 4 anos;

- com a Secretaria de Abastecimento para a alimentação e o suprimento das escolas;

- com a Secretaria de Esportes permitindo atividades conjuntas;

- com a Secretaria das Administrações Regionais para manutenção das escolas;

- com a Secretaria de Transportes para programas de educação para o trânsito;

- com a Secretaria dos Negócios Jurídicos para promover as ações competentes nos casos de violação das liberdades individuais e da cidadania que venham a ocorrer no âmbito da escola;

- com a Guarda Civil Metropolitana para garantir a segurança nas escolas e reduzir o nível de violência.

Uma escola pública popular não é apenas aquela à qual todos têm acesso, mas aquela de cuja construção todos podem participar, aquela que atende realmente aos interesses populares que são os interesses da maioria; é, portanto, uma escola com uma nova qualidade baseada no compromisso, numa postura solidária, formando a consciência social e democrática. Nela todos os agentes, e não só os professores, possuem papel ativo, dinâmico, experimentando novas formas de aprender, de participar, de ensinar, de trabalhar, de brincar e de festejar.

Reafirmamos que essa nova qualidade não será medida apenas pelos palmos de conhecimento socializado, mas pela solidariedade humana que tiver construído e pela consciência social e democrática que tiver formado, pelo repúdio que tiver manifestado aos preconceitos de toda ordem e às práticas discriminatórias correspondentes.

A escola pública só será popular quando for assumida como projeto educativo pelo próprio povo através de sua efetiva participação. A transformação radical da escola que temos supõe essa participação organizada na definição de prioridades. O primeiro passo é conquistar a velha escola e convertê-la num centro de pesquisa, reflexão pedagógica e experimentação de novas alternativas de um ponto de vista popular.

Nossas propostas são viáveis desde já. Queremos construir progressivamente uma escola pública democrática, popular, autônoma, oníforme (não uniforme), competente, séria e alegre ao mesmo tempo, animada por um novo espírito. Queremos construir escolas para onde as crianças e os jovens, os professores, todos, gostem de ir e sintam que suas. Não as abandonem.

Paulo Freire: VIDA E OBRA

Paulo Freire em agosto

Para falar de sua experiência como Secretário de Educação do Município de São Paulo e da proposta de uma escola "alegre" e "bonita", o educador Paulo Freire deverá estar na Unioeste no segundo semestre deste ano.

A data em princípio agendada é o dia 11 de agosto, a ser confirmada em breve.

Será uma singular oportunidade aos educadores, pedagogos e a todos os interessados da Unioeste e da comunidade regional para discutir e aprofundar as questões da educação a partir da obra e experiência do visitante.

Paulo Freire, educador, nasceu em Recife em 1921. Estudou no Colégio Pedro II e no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade do Recife. Em 1963 presidiu a Comissão Nacional de Cultura Popular e coordenou o Plano Nacional de Alfabetização de Adultos, a convite do Ministério da Educação, em Brasília.

Casado em 1964, foi para o Chile, onde, até 69, assessorou o Governo Frei em programas de educação popular. Nesse período também lecionou na Universidade Católica de Santiago e coordenou seminários em universidades no México e E.U.A., atuando co-

mo professor visitante em Havana, em 1967, e em Paris, em 1968.

Em 1969, foi nomeado Secretário de Educação de vários países em programas educacionais. De 70 a 80 também atuou como consultor especial do Conselho Mundial de Igrejas, sediado na capital suíça, e lecionou na Universidade de Genebra entre 72 e 74.

De 65 a 84 coordenou cursos e seminários em universidades latino-americanas, norte-americanas, européias e asiáticas. Recebeu títulos honoris causa e prêmios nos E.U.A., Canadá, e África e é doutor honoris causa por diversas instituições: PUC-SP, Unicamp, PUC Campinas, Universidade Federal de Pernambuco, Federal de Goiás, de Santa Maria/RS, "Open Uni-

versity" em Londres, Universidade de Louvain na Bélgica, Universidade de Genebra na Suíça, Universidades de Michigan e de New Hampshire, nos E.U.A., Universidade de Barcelona na Espanha, Universidade de Cochabamba na Bolívia e Universidade de Bologna na Itália. No último mês de maio, Paulo Freire recebeu o título honoris causa da Universidade de Claremont, Califórnia, E.U.A. Em 86 recebeu da UNESCO o Prêmio "Educação para a Paz".

Paulo Freire tem uma série de trabalhos editados em revistas nacionais e internacionais e livros publicados em diversos países, destacando-se "Pedagogia do Oprimido" (em 17 idiomas), "Educação como Prática da Liberdade" (10), "Extensão ou Comunicação" (6), "Cartas à Guiné Bissau" (6), "Ação Cultural para a Liberdade" (5),

"Educação e Mudança" (2) e "A Importância do Ato de Ler" (3). Toda a sua obra é voltada para uma teoria do conhecimento aplicada à educação, sustentada por uma concepção dialética em que educador e educando aprendem juntos numa relação dinâmica na qual a prática, orientada pela teoria, reorienta essa teoria, num processo de constante aperfeiçoamento.

Atualmente, além de Secretário Municipal de Educação de São Paulo, Paulo Freire assessoria programas de pós-graduação na PUC-SP e Unicamp e mantém o Vereda - Centro de Estudos em Educação, em São Paulo, e, anualmente, em fevereiro e julho, coordena seminários na Universidade de Massachusetts, E.U.A.

Paulo Freire é casado com Ana Maria Araújo Freire. Sua primeira mulher foi Elza, com quem esteve casado 42 anos e teve cinco filhos: Madalena, Fátima, Cristina, Joaquim e Lutzgardes.

Foto: Marcio Noves



Paulo Freire: Por uma "escola pública respeitada, competente, alegre, democrática".